

CAPÍTULO 5

SENHORINHA, NÃO: SENHORA SENHORZINHO, NÃO: SENHOR MAIS RESPEITO, EU SOU ADULTO!

Data de aceite: 01/06/2023

Fátima Soares Rodrigues

A primeira vez em que eu ouvi a frase: “Tinha uma senhorinha...”, juro que nem me lembro do resto da frase, mas aquela “senhorinha”, no diminutivo, chegava aos meus ouvidos como se fosse uma fragilidade, uma infantilidade, quase uma debilidade, referindo-se a uma senhora com mais de 60 anos.

Eu estava na casa dos 50 e me lembro dos meus 9 anos de idade, ao lado do meu avô, na época, ainda na casa dos 60 anos, que, para mim, parecia já centenário, e quanto mais velho eu achava que ele era, mais no “poço de sabedoria” eu me certificava de que ele mergulhava...

Fico pensando aqui com os meus botões se a criança que eu fui via os adultos de forma diferente como os jovens e adultos atualmente veem as pessoas mais idosas. Não sei se o culto ao corpo, a busca pela eterna juventude sejam formas de impedir que a pessoa envelheça, como se a velhice fosse uma condenação a todos

os prazeres, conquistas e sonhos, se é que alguém ache possível sonhar na “terceira idade”. A impressão que tenho é de que, ao atingir a idade de 60 anos, a pessoa sobe o trampolim para a senilidade, ao mesmo tempo que desce para a infantilidade, de acordo com o que vejo no tratamento dispensado a esses/as idosos/as.

No consultório médico, uma senhora de 75 anos, ativa, artesã, sente-se paralisada quando o médico lhe solicita: “levante o bracinho”, mas depois que ele fala: “agora, a perninha...”, ela se ergue, dirige-se à porta e lhe diz: “desculpe-me, achei que tivesse marcado uma consulta com um geriatra e não com um pediatra”.

Tudo bem que algumas prioridades sejam impostas, uma vez que, no país em que vivemos, parece que o respeito só é acatado quando se torna lei. Assim, em filas de bancos, aeroportos, dentro dos ônibus e em todos os lugares em que circulam pessoas de todas as idades, faz-se necessário lembrar a todas as faixas etárias de que a velhice também deve ser respeitada. Mas isso não quer dizer que

todos/as os/as idosos/as sejam portadores/as de alguma deficiência que os/as impeça de agir e pensar por si mesmos/as, pois os familiares e outras pessoas, sejam movidos pelo carinho e atenção, sejam movidos pela compaixão, seja por atribuir-lhes um sentimento de incapacidade física e mental, acabam tirando a autonomia de quem ainda responde por si mesmo, levando-o a um sentimento de inutilidade no mundo, o que, quer queira ou não, acabará conduzindo-o, como uma criança, à dependência de um adulto para sobreviver. É como se alguns/as “jogassem a toalha” mesmo, sabe? Lutam para se manterem ativos, cuidando da própria vida, resolvendo seus problemas, mas, à medida que os anos avançam, seus familiares mais próximos anteveem uma debilidade que não chegou, mas já tentam abortá-la, apropriando-se da vida do sujeito, quase que querendo respirar por ele. É uma volta à infância, com a diferença de que a criança ainda não conhece o mundo, é dependente do adulto para tudo. Agora, uma pessoa que atravessou gerações, criou uma família, enfrentou adversidades, ganhou experiência e, de repente, tiram-lhe tudo isso, em nome do amor, do cuidado, do medo... A isso, chamo de egoísmo. O amor que sufoca, que arrebatava a nossa identidade, que vigia, que quer nos “ensinar” a viver, que nos acha incapazes para resolver uma série de coisas, não pode ser amor. É posse, é superioridade, é altivez, menos amor.

Deixemos as pessoas viverem de verdade! Não conforme o que nós estabelecemos para elas. Não percamos a oportunidade de ouvi-las: tanta sabedoria e experiência de vida que muitos ainda não atravessaram...

É evidente que algumas pessoas começam a apresentar sinais de que algo não vai muito bem na cabeça e nas atitudes delas. Porém, atualmente, antes que isso se revele, há muita gente se antecipando e amputando a vida de quem diz amar, só porque a pessoa soprou a vela dos 60 anos, e, assim, concluem que ela está por um sopro...